

INTERDISCIPLINARIDADE E PODER EM MICHEL FOUCAULT: OUTRAS IMAGENS PARA A GEOGRAFIA

*INTERDISCIPLINARITY AND POWER BY MICHEL FOUCAULT:
OTHER IMAGES FOR GEOGRAPHY*

*INTERDISCIPLINARITÉ ET POUVOIR EM MICHEL FOUCAULT:
AUTRES IMAGES POUR LA GÉOGRAPHIE*

MARCOS AURELIO MARQUES

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do
Paraná – UFPR

E-mail: aureliomarque@yahoo.fr

RESUMO: O presente artigo visa discutir o caráter interdisciplinar da obra do filósofo francês Michel Foucault. A partir da ideia de trânsito entre as áreas do saber, refletimos de que maneira Foucault se refere à geografia, uma ciência também interdisciplinar, como entendemos que sejam todas as ciências humanas. Também procuramos abordar um dos temas mais conhecidos da obra de Foucault, o poder. O tema do poder disciplinar, inclusive, é o que toca de forma direta a geografia, pois ele em primeiro lugar, na leitura de Foucault, é quem organiza o espaço e distribui e organiza os indivíduos. Entendemos que as ideias do filósofo podem ser instrumento conceitual e teórico para trabalhos que envolvam temas que hoje têm sido explorados, sobretudo na Geografia Cultural, como manifestações culturais de minorias ou as artes, em especial a literatura. Foucault propõe uma leitura do poder, da história, do saber a partir das construções discursivas que instituem o que seria a verdade de cada época.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Geografia; Interdisciplinaridade; Poder; Genealogia.

RESUMÉ: Cet article vise à discuter la nature interdisciplinaire du travail du philosophe français Michel Foucault. L'idée de transit entre les zones de la connaissance nous permet réfléchir la manière dont Foucault fait référence à la géographie, une science aussi interdisciplinaire, comme nous comprenons que ce sont tous les sciences humaines. Nous cherchons également discuter le thème du pouvoir, très connus dans l'œuvre de Foucault. Nous comprenons que le thème du pouvoir disciplinaire touche directement la géographie, car dans la lecture de Foucault, il organise l'espace et distribue les individus. Nous comprenons que les idées du philosophe peuvent être un outil conceptuel et théorique pour les travaux qui portent des questions qui ont aujourd'hui été explorées, en particulier dans la géographie culturelle, comme des manifestations des minorités culturelles et des arts, en particulier la

littérature. Foucault propose une lecture du pouvoir, de l'histoire, du savoir à partir des constructions discursives qui établit ce qui serait la vérité de chaque époque .

MOTS-CLÉS: Philosophie; Géographie; Interdisciplinarité; Pouvoir; Généalogie .

ABSTRACT: This article refers to the oeuvre of the French philosopher Michel Foucault discussing its interdisciplinary character. Based on Foucault's perception of interchange between specific areas of knowledge, it investigates of how the philosopher is approaching geography that – like all areas of the humanities – has interdisciplinary traits. From this perspective, we consider the question of power, one of the most well-known aspects of his philosophy. According to Foucault, the subject of disciplinary power is one that directly involves geography as an area of knowledge, as geography is directly responsible for the organization of space and the distribution and organization of individuals. We understand that these ideas could be conceptual and theoretical tools for research on cultural expressions of minorities and the arts, especially literature, mainly in the area of Cultural Geography. Here, Foucault's understanding of power, history, and knowledge refers to discursive constructions that are implementing what could be understood as «truth» in different historical epochs.

KEY-WORDS: Interdisciplinarity; Philosophy; Geography; Power; Genealogy.

INTRODUÇÃO

A filosofia francesa da segunda metade do século XX tem sido capaz de exercer marcante influência como força renovadora do pensamento. Assim é com a obra de Julia Kristeva e a revolução da linguagem, Derrida e o desconstrucionismo, Gilles Deleuze e Félix Guattari que questionam, entre outras coisas, a ditadura do Édipo na psicanálise e um certo determinismo marxista que se pretende dono de toda a verdade. Poderíamos ainda relacionar outros nomes como o de Roland Barthes e Lyotard, sempre cometendo o lapso de esquecer tantos outros. Independente dos rótulos ou títulos que envolvam o conjunto desses autores, o que eles trazem de comum são novas lentes para se olhar um mundo onde as mudanças materiais são tão rápidas quanto as mudanças do pensamento.

No mundo da inegável velocidade, é praticamente impossível ainda se pretender prisioneiro, aprisionar ou isolar qualquer aspecto da vida. Este pequeno artigo pretende discutir o caráter interdisciplinar da obra de Michel Foucault, contemporâneo dos nomes acima referidos, além de refletir sobre o tema mais conhecido da sua obra, o poder. Os dois temas aqui abordados podem ser de fundamental importância para a geografia. Nosso intento, portanto, é mostrar de que forma algumas ideias de Foucault produzem uma conexão com tais temas e o pensar geográfico.

A geografia, ciência interdisciplinar por essência, encontra na filosofia de Foucault a perspectiva de olhar o mundo sem reduzi-lo a uma única área do conhecimento. Assim como Foucault, ao discutir o poder disciplinar, coloca o espaço como um dos elementos que o estruturam, pois entende que é sobre ele os indivíduos se distribuem sob a força de diversas técnicas.

Colocamos duas possibilidades de abordagem do pensamento de Foucault com a geografia. Mas sabemos que os caminhos pelos quais se pode seguir dentro do pensamento do filósofo francês são inesgotáveis. Estudar a obra de Foucault é como resgatar o espírito geográfico de aventura e descoberta que caracterizou a ciência do espaço em seus primórdios. De maneira geral, o pensamento de Foucault sobre a questão do poder e do espaço, e o desdobrar desse sobre a geografia, abre para esta outras imagens possíveis, tanto de abordagem de seus conceitos estruturadores, como de sua função no contexto do mundo atualmente.

UMA OBRA INTERDISCIPLINAR

O que tem se convencido chamar de pós-estruturalismo ou de pós-modernidade tem sido um chão fértil de pensadores que não se restringem mais a uma única área do conhecimento. A filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, por exemplo, é uma experiência perpassada pela botânica, pela geografia, pela psicanálise. O caso de Michel Foucault não é diferente. Tipo por Williams (2012, p. 153) como “filósofo-historiador” ele soube transitar entre as duas áreas citadas como também pela geografia, declarando inclusive que “a geografia deve estar bem no centro das coisas que me ocupo” (2012, p. 261). Feita todas as ressalvas possíveis quando se isola uma frase da obra desses autores referidos nesse parágrafo, o fato é que Foucault tem diversas preocupações que são comuns às da geografia. Inclusive, quando ele fala a frase aqui citada, ele está discutindo as estratégias de poder que é um tema recorrente discutido pela geopolítica.

O pensamento de Michel Foucault é, evidentemente, questionado por muitos. Marshall Berman, ao analisar a constituição da modernidade histórica e do modernismo artístico no livro que já se tornou clássico chamado “Tudo que é sólido desmancha no ar”, exaspera uma crítica um tanto simplificadora da obra do filósofo francês,

O único escritor da década passada que tinha realmente algo a dizer sobre a modernidade foi Michel Foucault. E o que ele tem a dizer é uma interminável, torturante série de variações em torno dos temas weberianos do cárcere de ferro e das inutilidades humanas, cujas almas foram moldadas para se adaptar às barras (2007, p. 46).

Como podemos observar, embora Berman reconheça que Foucault foi o único escritor da década de 70 que tinha algo a dizer sobre modernidade, por outro lado destaca um certo niilismo da obra foucaultiana, uma vez que segundo ele, esta obra defende não haver saída das teias da sociedade na qual estamos aprisionados na modernidade. Pois assim como o poder está em todos enquanto é exercido, o ideal de liberdade perseguido pelo humanismo e pelo marxismo seria inalcançável. Berman ainda considera que Foucault “reserva seu mais selvagem desrespeito às pessoas que imaginam ser possível a liberdade para a moderna humanidade” (2007, p. 46), porque estaremos sempre ligados a uma instituição disciplinar como Foucault bem trabalha em “Vigiar e punir”. Além disso, em termos gerais, Foucault não compartilha do ideal das utopias. Para ele um humanismo intrínseco ao ser humano ou o fim das lutas de classe não são coisas tão simples assim.

Já James Williams coloca Michel Foucault no grupo de filósofos pós-estruturalistas por alguns motivos por ele defendidos,

A relação entre estruturas sociais e os indivíduos é observada de um modo diferente na obra de Foucault. Isso transforma nossa compreensão daquelas estruturas. Este é um lado seu de pós-estruturalismo. A obra também transforma nossas ideias sobre o que é um indivíduo, sobretudo em termos de liberdade e poder. Este é seu outro lado. Há uma incansável abordagem crítica do sujeito livre e do papel central do livre-arbítrio, em sua obra. O poder não é mais associado a atores livres, mas a novas ideias sobre estruturas, linguagem e tempo (2012, p. 154).

Ao colocar em questão as estruturas sob a ótica da análise do poder, entendido sempre em relação, ele propõe uma nova compreensão acerca de tais estruturas. Assim sendo, o pensamento de Foucault se situa entre o determinismo histórico marxista e a liberdade liberal, não estando nem de um lado nem de outro. Posições como essa do filósofo, vão caracterizar o que entendemos por “pós-modernidade”, e no âmbito da filosofia, de pós-estruturalismo. Seu pensamento põe em questionamentos alguns valores que antes eram dados como certos e paralelos ao que seria um humanismo intrínseco ao sujeito, como os de identidade e de verdade. “Ele valoriza a transformação e a mobilidade devido ao modo como elas nos permitem movimento fora das estruturas restritivas” (WILLIAMS, 2012, p. 158). A mobilidade torna-se assim valor das coisas que não precisam ter rígidos contornos para que possam ser observadas de forma produtiva. É partir de tal perspectiva que Foucault procura entender a diferença e as discontinuidades.

Algumas teses em Foucault são recorrentes e se fazem presentes em boa parte da sua obra. Contudo, pretendemos em nossa breve abordagem destacar o poder e as genealogias de Foucault além de sua relação com a geografia.

Em seus estudos sobre as genealogias (a da clínica médica ou da sexualidade, por exemplo) ele procura investigar como os discursos são construtores e determinantes das escalas de poder. Para Foucault (2012, p. 43) a genealogia é

[...] uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história.

Williams (2012, p. 161) entende que para Foucault “não somos produtos de uma história, mas de muitas genealogias”. Mas em praticamente tudo que é tratado por Foucault há sempre a presença do poder, entendido sempre em relação, em processo, em exercício. A rede de poder perpassa inclusive a rede de discontinuidades das genealogias. São elas que moldam as construções discursivas que constroem os efeitos de verdades de cada época. Observemos, Foucault ao tratar dos processos históricos os vê como uma história das rupturas e não das continuidades. É preciso, a partir de então, entender como o hospital deixa de ser um local onde se iria apenas para passar os últimos dias de vida e passa a ser um local onde agora se vai para se tratar e se curar, nascendo assim a clínica médica. Ou quando se rompe

com uma prática de punição aos crimes em público com as mais torpes penas e se passa a condenar o criminoso à reclusão, pena cumprida longe dos olhos de todos. O século XIX é momento em que a pena deixa ser aplicada sobre o corpo diretamente do indivíduo através dos espetáculos das punições físicas para, por exemplo, privá-lo do bem da liberdade, tornando-se o corpo um meio e não o fim da pena. Realidade esta contextualizada na solidificação do capitalismo que precisa de corpos disciplinados, prontos à exploração, “o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, 1997, p. 29).

Ao tratar dos surgimentos, talvez o que mais notabilizou Foucault foi o destaque que ela dá ao tema das ciências humanas no contexto do século XIX. O filósofo francês, ao falar do surgimento das ciências humanas, lembra-nos o quanto é difícil, e mesmo infrutífero, buscar estabelecer os limites entre teoria e prática, sujeito e objeto. Ele considera que embora tenham aparecido conceitos como função e normas no campo da psicologia, conflito e regras no campo da sociologia, sentido e sistema no campo da linguagem, nenhum conceito é exclusivo de uma ou outra área na qual ele tenha surgido.

Todos esses conceitos são retomados no volume comum das ciências humanas, valem em cada uma das regiões que ele envolve: daí se segue frequentemente difícil fixar os limites, não só entre objetos, mas também entre os métodos próprios à psicologia, à sociologia, à análise das literaturas e dos mitos (FOUCAULT, 2007, p. 495).

Aqui se evidencia inclusive o que viemos discutindo até aqui, a impossibilidade de se estabelecer os limites entre as áreas do conhecimento, entre sujeito e objeto, entre teoria e prática. Oferecer a possibilidade de nos desvencilharmos de tais dicotomias, está, inclusive, entre as grandes contribuições de Foucault e de seu compatriota Gilles Deleuze.

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas (in: FOUCAULT, 2012, p. 132).

Como já dissemos anteriormente, Deleuze é dessa geração de intelectuais para quem não importa dividir ou segmentar as áreas do saber ou os elementos da pesquisa. Para ele o que importa verdadeiramente é a ação, a intervenção, a conexão, a multiterritorialidade que os processos de desterritorialização e reterritorialização permitem. Isso é inclusive a morte da representação para ele, pois “não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede” (DELEUZE in: FOUCAULT, 2012, p. 130).

Rompida a ideia de fronteiras, de linhas rígidas, voltemos às genealogias. Sobre elas, Foucault busca entender como se produzem historicamente os efeitos de verdade por intermédio das construções discursivas. Nesse ponto, questionamos inclusive, se as citações diretas à obra de Foucault são honestas quando abordamos sua obra por dois motivos. Um deles é que qualquer frase ou excerto destacado do contexto da obra será sempre um quebra no sistema de pensamento do autor. Em segundo porque é preciso entender e se referir a

Foucault, assim como a Deleuze, enquanto sistema de pensamento, e não como recorte emoldurado que serve de sustentação a algo que eles não se voltaram. Para ambos, o autor não importa. A identidade do sujeito e o próprio sujeito perdem importância na perspectiva de Foucault quando ele trata de suas genealogias, pois o que importa são as formações discursivas, que por sua vez só vão acontecer na relação entre os sujeitos, nunca no sujeito isolado como indivíduo.

Inclusive, para dar conta dessa “morte do autor”, Foucault cria o conceito do Ser da Linguagem. Devíamos ignorar a existência completa do sujeito, simplesmente pelo fato de ficar cada vez mais difícil estabelecer o limite entre ele e o texto, sobretudo na medida em que o tempo passa e o que permanece é somente um ser híbrido de linguagem?

Pensar o texto literário ou mesmo outras escrituras que envolvem a criação (como a filosofia ou a ciência) a partir do ser da linguagem proposto por Foucault nos leva a repensar a relação entre autor e obra que não seja dentro de um contexto que normalmente nos é ensinado, pois para ele há dois pontos centrais quando ele entende a literatura como um fora livre de toda subjetividade. São eles “o apagamento do sujeito e o conseqüente (res) surgimento do ser da linguagem” (LEVY, 2011, p. 60). E complementa,

É claro que os textos de Antonin Artaud ou Raymond Russel foram criados por eles. A questão é que seus textos falam por si, deixam emergir o ser da linguagem, seguindo um caminho que é o da literatura e não o dos autores. O princípio da autoria limita o acaso que rege a palavra literária ‘pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do *eu*’ (LEVY, 2011, p. 63).

A autora é precisa ao colocar a questão acima. A criação literária é inegável obviamente, contudo, a questão é que o texto literário é um ser autônomo, um ser da linguagem que seguirá o caminho da literatura. Ou ainda, nas palavras de Foucault,

Pode-se dizer, num certo sentido, que a ‘literatura’, tal como se constitui e assim se designou no limiar da idade moderna, manifesta o reaparecimento, onde era inesperado, do ser vivo da linguagem. (...) Crê-se atingir a essência mesma da literatura, interrogando-a não mais ao nível do que ela diz, mas na sua forma significante: fazendo-o, permanece-se no estatuto clássico da linguagem. Na idade moderna, a literatura é o que compensa (e não o que confirma) o funcionamento significativo da linguagem (2007, p. 60).

Como já dissemos, uma das grandes contribuições da obra do filósofo francês é de entender que as coisas tais como nos são postas são construções que se deram por intermédio de discursos historicamente construídos. “São as cadeias interconectadas de genealogias – de formas históricas expressas em linguagem e espaços – que restringem os caminhos que podem ser adotadas rumo ao futuro” (WILLIAMS, 2012, p. 159). Para a geografia, em especial, o fato de a genealogia ser uma forma que se expressa no espaço faz com esse conceito possa ser amplamente utilizado em suas reflexões.

Outra sugestão da obra foucaultiana é questionar as linhas rígidas de identidade (também questionadas por Deleuze e Guattari) em favor da transformação e da mobilidade como forma

de abalar mesmo as estruturas. Não que seja “errado evitar identificações, mas sim buscar reforça-la” (WILLIAMS, 2012, p. 158). A obra de Foucault é uma perseguição da abertura. Tudo que pretenda ao fixamento ou ao fechamento está em choque com seu pensamento.

O PODER DO CONCEITO DE PODER

O filósofo francês ora discutido tem uma produção bastante vasta. Entre as obras destacamos algumas especialmente importantes para as ciências humanas, como “Arqueologia do saber”, “O nascimento da clínica”, “As palavras e as coisas”, “Vigiar e Punir”. Contudo, neste breve trabalho especificamente, nos referimos a alguns conceitos abordados por Foucault no que se refere à geografia e as questões espaciais, tangenciadas pela linguagem, pelo poder, pelas genealogias, temas vastamente trabalhados pelo francês, nunca de forma isolada, mas em constante cruzamento uns com os outros. Da mesma forma, a atenção que Foucault dispensou a arqueologia dos saberes não pode deixar de ser lembrada quando falamos de sua filosofia, como em livros como os três volumes da “História da Sexualidade”.

O pensar sobre poder em Foucault permeia praticamente todo o pensamento do filósofo mesmo quando ele trata de outros temas. Quando ele pensa em genealogia ou sobre as formações discursivas ao longo da história, ele entende que o poder é “uma rede de influências ao longo de descontinuidades” (WILLIAMS, 2012, p. 164).

Tatiana Salem Levy (2011, p. 81) em trabalho em que relaciona o conceito de fora em Blanchot, Deleuze e Foucault entende que para este último o poder “funciona como uma rede da qual ninguém escapa. Em realidade, não há o poder, mas relações de poder que aparecem como práticas, como um exercício”. Ou seja, só há poder no social, sempre com alguém o exercendo em relação a outro. Não havendo também isenção do/no poder, ou seja, a idealização da isenção (tão sonhada pela grande mídia brasileira) na prática não existe.

A arqueologia de Foucault, por sua vez, levou à compreensão do surgimento do homem como objeto do discurso no século XIX. A tese do filósofo é reconhecida por diversos autores, como é o caso de Benedito Nunes (2010, p. 291) “conceptualizado e teorizado, o homem passou a existir como objeto do discurso”.

A “descoberta” do homem no século XIX e o conseqüente surgimento das ciências humanas quando “o homem isolado ou em grupo, se tenha tornado objeto de ciência – isso não pode ser desconsiderado nem tratado como um fenômeno de opinião: é um acontecimento na ordem do saber” (FOUCAULT, 2007, p. 477). Vemos que para o autor em questão, esse “surgimento” está relacionado intimamente com o saber. É mesmo por isso que ele, mais adiante em sua obra, vai formar o par conceitual saber-poder.

Isso ocorre porque ele, ao entender que as ciências foram se estabelecendo a partir da construção de uma rede discursiva, percebe o quanto deter o saber, ou pelo menos o discurso do saber, ajuda na construção do poder. Portanto, ter o saber é deter o poder.

A filósofa Marilena Chauí refere-se ao livro de Foucault ao tratar da realidade discursiva do saber,

Numa obra significativa, *As palavras e as coisas*, Foucault explica como e por que a filosofia e as ciências, entre os séculos XV e XIX, conceberam a realidade de maneiras muito diferentes. Para essa explicação o conceito de *episteme* (palavra grega que significava ‘ciência’), entendida como uma estrutura de conhecimentos determinados por uma rede de conceitos que são os instrumentos com os quais, numa dada época, os pensadores investigam e interpretam a realidade. Uma *episteme* é um conjunto de enunciados ou de discursos baseados num certo instrumento conceitual que organiza a linguagem e o pensamento e lhes dá o sentimento de que as palavras correspondem às coisas (CHAUÍ, 2005, p. 211). [grifos da autora]

Falar de poder é falar de Foucault, e vice e versa. Em diálogo com Gilles Deleuze, Foucault (2012, p. 138) explica de maneira bem objetiva o que ele entende por poder.

Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui.

O poder é sempre relacional e rizomático. Não tem propriamente um centro do qual irradia e exerce o domínio. Não está apenas num ponto concentrado no aparelho de estado nem nas mãos de uma única pessoa.

Atentemos que o filósofo trata o poder como uma microfísica. Ora, o poder não está então em uma macro-escala. Nem tampouco é sinônimo do Estado, embora ao Estado seja imprescindível o exercício do poder. Sendo assim, a destruição do Estado não seria necessariamente uma destruição das redes de poder, algo muito mais complexo e disseminado.

Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças (FOUCAULT, 1997, p. 29).

O autor chega ao entendimento do poder enquanto microfísica ao concluir que ele é algo difuso que não se resume a um único aparelho, como o Estado, por exemplo. O poder então não é propriedade ou posse, mas uma estratégia. Tal definição de Foucault contida no livro “Vigiar e Punir” marca um momento de sua obra marcado pela preocupação política, quando entende que o estabelecimento da modernidade no século XIX esteve estritamente ligado ao surgimento do poder disciplinar. Conceito este que nos será útil quando agora entrarmos na discussão mais estreita entre a obra de Foucault e sua relação com a geografia.

FOUCAULT E A GEOGRAFIA

No que tange aos aspectos geográficos na obra de Foucault, o mais óbvio é quando ele se refere diretamente a essa ciência na “Microfísica do Poder”. Podemos observar nas palavras de Foucault que, como destacamos anteriormente, embora ele tenha se destacado

pela alcunha de “filósofo-historiador”, não deixou de lado reflexões que o levaram em direções que se tornaram substanciais em sua obra. Uma delas é a geografia.

Nessa obra esclarecedora acima citada que reúne textos de Foucault sobre diversos temas e que têm sua unidade na temática do poder, encontraremos um capítulo intitulado *Foucault e a Geografia*. Na discussão empreendida no capítulo, o filósofo francês relaciona o poder com algumas categorias espaciais, propondo inclusive uma definição de território, entendida por ele como “uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por um certo tipo de poder” (FOUCAULT, 2012, p. 250). A definição do autor, como facilmente se pode constatar, é bastante simplificada e deixa alguns aspectos fundamentais quando discutimos território, como por exemplo, seu caráter simbólico-cultural, que não está necessariamente no círculo jurídico-político, embora nele haja relações de poder.

Contudo, além disso, salientamos a atenção que Foucault confere ao espaço, inclusive quando ele se opõe a pensadores que teriam privilegiado o tempo em detrimento do espaço em suas reflexões, como Bergson, que segundo ele, entendia o tempo como algo complexo, dialético, móvel enquanto via no espaço exatamente o inverso.

A utilização de termos espaciais tem um que de anti-história para todos que confundem a história com as velhas formas da evolução, da continuidade viva, do desenvolvimento orgânico, do progresso da consciência ou do projeto da existência. Se alguém falasse em termos de espaço, é porque era contra o tempo. É porque ‘negava a história’, como diziam os tolos, é porque era ‘tecnocrata’. Eles não compreendem que, na demarcação das implantações, das delimitações, dos recortes de objetos, das classificações, das organizações de domínios, o que se fazia aflorar eram processos – históricos certamente – de poder. A descrição espacializante dos fatos discursivos desemboca na análise dos efeitos de poder que lhe estão ligados (FOUCAULT, 2012, p. 253).

O filósofo propõe novas formas de se pensar a história. Com isso reforça a ideia de que não é preciso dicotomizar geografia e história, espaço e tempo, ressaltando ainda que descrever o espaço leva inevitavelmente à análise dos efeitos de poder. Coloca, portanto, o espaço como elemento privilegiado em seu pensamento.

Em nosso entendimento o caráter mais geográfico de Foucault está em seu pensar sobre o poder disciplinar. Embora as pesquisas de Foucault aconteçam em uma perspectiva histórica de construção das ciências, a consideração espacial vai ser sempre objeto de reflexões. Observemos que quando ele pensa a sociedade de seu tempo como uma sociedade disciplinar (que mais tarde Deleuze e Guattari diriam ter se tornado uma sociedade de controle¹) ele pensa em como o poder disciplinar é uma forma de organização do espaço e controle do tempo.

A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas.

¹ Rogério Haesbaert (2009) produziu uma distinção bastante esclarecedora sobre as diferenças entre a sociedade disciplinar de Foucault e a sociedade de controle defendida por Deleuze.

1) A disciplina às vezes exige a *cerca*, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. Houve o grande ‘encarceramento’ dos vagabundos e dos miseráveis; houve outros mais discretos, mais insidiosos e eficientes (FOUCAULT, 1997, p. 137).

E segue enumerando colégios, quartéis como elementos que organizam o espaço para que o poder disciplinar possa se estabelecer. O poder disciplinar implica obrigatoriamente, na perspectiva de Foucault, uma tríade: organiza o espaço, controla o tempo e, em terceiro lugar, precisa da vigilância para que se exerça o controle. Aqui é possível entender como a noção de poder do autor torna a geografia algo que deve estar no centro da análise. Se o poder disciplinar organiza o espaço, essa organização deve ser pensada sob o viés geográfico, permitindo assim que se busquem compreensões sobre a intrincada rede que é o poder, uma rede que inclusive entrelaça tempo e espaço.

“O poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, o fabrica. O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, por ele anulado; é um de seus mais importantes efeitos” (MACHADO in: FOUCAULT, 2012, p. 25). De fato, o surgimento da sociedade disciplinar a partir do século XIX está ligado ao surgimento do indivíduo. Isso é observável na literatura, por exemplo, quando no século XIX surge o gênero literário conhecido como o Romance Moderno. Ele reúne características típicas da individualização do sujeito. Em suas narrativas longas, temos, na maioria dos casos, personagens individuais assumindo o papel das coletividades. “Os Lusíadas” de Camões é uma obra neo-clássica, onde o “personagem” é povo português. Já nos romances do século XIX, a partir do surgimento da sociedade disciplinar e a conseqüente reorganização espacial a situação é outra. Os heróis dos romances de Machado de Assis ou de Balzac serão indivíduos que vivem a saga que antes eram de coletividades em grandes epopeias. Essa tendência inclusive está no próprio hábito de leitura, que atinge status apenas a partir do período em questão. Antes as leituras ou eram na maioria públicas ou apresentações teatrais, que por sua vez, são coletivas.

O breve exemplo da literatura quando do surgimento de um novo gênero literário é apenas uma possível ilustração do pensamento de Foucault. Mas o impacto da radical transformação social ocorrida no século XIX influenciou tudo o que se conformou depois, seja na arte, na história, na geografia ou em qualquer *epistémê*. A regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso, toda essa gama de acontecimentos, tem por conseqüência o surgimento do indivíduo.

A partir daí Foucault (2007, p. 28) constata que saber e poder se implicam mutuamente, pois o exercício do poder leva à formação do saber, assim o é com as instituições disciplinares como escola, presídio, hospital, sanatório, que a partir daí se formam ou se modificam de acordo com as prerrogativas da sociedade disciplinar. Esse entrelaçamento todo de conceitos que buscam explicar o mundo a partir do século XIX está diretamente ligado à consolidação da modernidade, do capitalismo e das ciências humanas, entre elas, a geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos ver neste pequeno texto que discutir a complexa e vasta obra de Michel Foucault é tarefa árdua. O filósofo que se notabilizou por ter transformado o poder em um conceito importante na filosofia, entrecruza áreas do conhecimento, rompe com certezas que pareciam incontestáveis seja na história das genealogias, seja sobre o marxismo, como na noção de ideologia, quando a entende que “ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade”(FOUCAULT, 2012, p. 44). Assim como para Sartre não existe natureza humana ou para Simone de Beauvoir não se nasce mulher, e sim, torna-se mulher, para Foucault também não existem verdades eternas e incontestáveis. Para ele importa mais ver como “historicamente como se produzem os efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos” (2012, p. 44). Ele pensa, em detrimento ao que no marxismo se considera ideologia, em como historicamente se produzem efeitos de verdade.

Como o objetivo desse trabalho é apenas apresentar alguns traços gerais da obra foucaultiana, intentamos trazer para a discussão alguns temas centrais e relacioná-los com a geografia. A simplificação da obra de Foucault é sempre um problema, pois a abordagem de temas como o poder, o saber, a *epistémê*, as genealogias acabam ficando precárias e inacabadas. A geografia e o tema do espaço, como pudemos ver, estão no centro das preocupações de Foucault. Entendemos que o filósofo pode ser instrumento conceitual e teórico para trabalhos que envolvam temas que hoje têm sido explorados, sobretudo na Geografia Cultural, como manifestações culturais de minorias ou as artes, em especial a literatura.

Contudo, um filósofo como Foucault propõe caminhos nos quais a verdade, no sentido clássico, como algo intrínseco ao ser humano e que deve ser descoberta pelo trabalho árdua da razão, está mais ligada às construções históricas e discursivas ligadas ao exercício do poder.

No mundo que nos restou após o fim das grandes dicotomias, parece que algo em nós ainda precisa de causas para viver. Depois da morte de Deus e das utopias, ainda se pode encontrar na filosofia uma causa plausível para não ver toda esperança evanescer, pois como nos diz Deleuze e Guattari, citados por Levy (2011, p. 136), ela nos permite “fazer do pensamento e da arte verdadeiras máquinas de guerra”. A obra de Foucault é uma dessas verdadeiras máquinas de guerra que nos levam a entender que os grandes problemas humanos do mundo contemporâneo não estão nos universais e sim em agenciamentos sempre provisórios onde o poder se exerce, o desejo se institui e estabelece devires majoritários que querem a todo custo sufocar os devires minoritários do pensamento.

O que temos, após esses apontamentos sobre o pensamento de Foucault, é que para a geografia abre-se todo um campo de perspectivas de análise e atuação. Não mais de uma ciência organizadora dos referenciais e fenômenos num espaço extensivo, de maneira a permitir que o Estado estabeleça o sentido, função e utilidade dos mesmos em acordo com os determinantes macro econômicos e políticos. Outra imagem da dinâmica espacial se coloca, mais subversiva, complexa e múltipla. A imagem de um saber se instaura em sua

diferenciação, a partir dos detalhes, das tensões embrenhadas na mobilidade e interdinâmica dos corpos. Uma geografia possível para um mundo que necessita de novos pensamentos, afetos e imagens que apontem para uma vida melhor, uma espacialidade afirmativa da vida.

BIBLIOGRAFIA

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo, Editora Ática: 2007.

CUSSET, François. **Filosofia francesa: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & cia**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo, Martins Fontes: 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo, Graal: 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HAESBAERT, Rogério Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. in: SAQUET, Marcos Aurelio; SPÓSITO, Eliseu Savério (org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, UNESP, 2009, p. 95-120.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault, Deleuze**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2011.

MACHADO, Roberto in: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo, Graal: 2012.

NUNES, Benedito. **Ensaio filosóficos**. São Paulo, Martins Fontes: 2010.

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processo e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2009.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro, Florence Universitário: 2011.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.